

NÚMERO 50



PSYCHOLOGICA

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## Memórias afectivas do corpo: um estudo qualitativo acerca do papel dos pais na experiência corporal<sup>1</sup>

Raquel Barbosa, Paula Mena Matos & Maria Emilia Costa<sup>2</sup>

Neste estudo estamos interessados em compreender melhor os pensamentos e sentimentos subjacentes à experiência do corpo no contexto familiar. Pretende-se *escutar as vozes dos adolescentes* no que diz respeito à representação da relação que estabelecem com o seu corpo e com o mundo, escutar e compreender, através de entrevistas semi-estruturadas, as narrativas pessoais dos participantes relativamente à construção da sua experiência corporal. A entrevista focaliza-se, essencialmente, na construção de significados acerca do corpo ao longo do desenvolvimento (a vivência do corpo relacional e emocional desde a infância até ao momento da entrevista), tendo em conta a qualidade das relações estabelecidas com os pais.

Devido à ausência de estudos neste domínio, este trabalho pretende ser um eventual contributo para a compreensão do corpo enquanto experiência relacional e ajudar a compreender como é que os adolescentes e jovens falam do seu corpo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vivência corporal; Relação parental; Narrativas pessoais; Adolescência.

### Introdução

Como qualquer outra realidade do mundo, o corpo é socialmente construído. As pessoas aprendem a avaliar os seus corpos através da interacção com o ambiente, com os outros.

Ao longo do ciclo de vida, muitas são as tarefas desenvolvimentais que exigem a reestruturação dessa estrutura que integra a corporeidade no *self* e que lida com as mensagens corporais – a sexualidade na adolescência, a construção da intimidade, a gravidez. Nessas alturas será desejável que as asserções relacionadas

---

<sup>1</sup> Estudo inserido no Projecto POCTI/ PSI 61722/ 2004, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior)

<sup>2</sup> Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto  
Gostaríamos de agradecer a todos aqueles adolescentes e jovens que generosamente partilharam as suas histórias e o seu tempo, tornando possível este estudo!

com a vivência corporal de cada um sejam integradas numa estrutura mais complexa de funcionamento e desenvolvimento psicológico. Este desenvolvimento e complexificação dos padrões de relação com o corpo dependem, por seu lado, da história de vida e dos contextos sociais em que o sujeito se move, que facilitarão ou dificultarão determinados padrões de relacionamento do indivíduo com o seu eu corporal, a sua condição *incorporada*. Assim, a *incorporação ou corporeidade* vão ser reconstruídos na adolescência. Através das novas competências de abstracção, o sujeito torna-se capaz de empreender um processo narrativo no qual reestrutura toda a sua história de vida, todo o conhecimento adquirido até então.

Recentemente tem havido um crescente interesse nos processos de vinculação adulta e a sua relação com o desenvolvimento da imagem corporal. Ao longo da vida, as experiências como a crítica à aparência e outros processos sociais e interpessoais que estão subjacentes ao desenvolvimento da segurança nas relações de vinculação, poderão levar à construção de esquemas pessoais, interpessoais e de aceitação física que, por seu lado, poderão levar à insegurança e ansiedade em relacionamentos sociais e íntimos subsequentes (ex. Barbosa, 2001; Barbosa & Costa, 2001a, 2001b, 2001/2002, 2003; Benedikt, Wertheim, & Love, 1998; Hart & Kenny, 1997; Moreno & Thelen, 1993; Thelen & Cormier, 1995; Mukai, 1996; Salzman, 1997; Ward, Ramsay, & Treasure, 2000; Vincent & McCabe, 2000). Assim, desde a infância, as percepções corporais estão intrinsecamente ligadas à qualidade da relação da criança com os seus significativos, que, por sua vez, são influenciados pelas normas e valores sociais. Por conseguinte, a corporeidade depende deste mesmo jogo de interações relacionais de forças internas, psicológicas e externas, de importantes e poderosos agentes de socialização como os meios de comunicação social, a família, e, sobretudo na adolescência, os pares, representa como que a síntese viva de todas as nossas experiências emocionais. Neste estudo iremos enfatizar precisamente um destes contextos basilares de desenvolvimento – a família, particularmente a relação parental desde a infância.

Na primeira infância a criança e o outro são experienciados *em relação* e vívidos pela criança sob a forma de sensações e experiências corporais, e é a partir desta condição básica da existência – a corporeidade – que todo o desenvolvimento humano acontece. É através de uma estrutura maioritariamente biológica, corporal e sensorial, bastante hedonista, que a criança é orientada para o interrelacionamento e a partir do qual se constrói o *self*. Esta estimulação essencialmente física constitui, portanto, um veículo de comunicação fulcral e é também um dos meios mais utilizados nos contextos relacionais para expressar emoções ao outro. Efectivamente, o toque é o canal mais intenso de comunicar com o outro e aquele sobre o qual a maioria das pessoas tem mais relutância em discutir. Autores como Hunter e Struve (1998, p. 3) definem o toque com o “*processo principal através do*